

INDIVÍDUOS OU GRUPOS – QUEM TEM VOZ NA
LITERATURA CONTEMPORÂNEA EM LÍNGUA INGLESA
PRODUZIDA NA DIÁSPORA?

Liane Schneider

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Nosso texto analisa a relação entre identidades individuais e grupais dentro do atual cenário das produções culturais elaboradas no contexto globalizado, principalmente por sujeitos marcados pela diáspora. Nesse sentido, enfocamos a produção literária de duas autoras canadenses contemporâneas, Hiromi Goto e Suzette Mayr, que, através das protagonistas que criam, representam literariamente as possibilidades de sobrevivência criativa na contemporaneidade, apesar dos atritos, das dissonâncias e conflitos da convivência transcultural. Partindo de conceitos desenvolvidos na área das ciências sociais, da psicologia e da teoria literária no que se refere à formação do indivíduo e do grupo, através da análise de elementos fundamentais na construção e representação social dentro do mundo globalizado, pretendemos averiguar quais as vozes que perpassam as fronteiras ainda persistentes no que se refere à delimitação de territórios e os paradoxos implícitos na luta por uma ocupação mais justa dos espaços culturais e geográficos.

Palavras-chave: literatura canadense, transculturalidade, sobrevivência criativa.

Ilha do Desterro	Florianópolis	nº 54	p. 123-144	jan./jun. 2008
------------------	---------------	-------	------------	----------------

Ao observar-se o mercado editorial mundial, que claramente reflete ou dialoga com os deslocamentos populacionais tão freqüentes nas últimas décadas, é necessário que se leve em conta vários indicativos sobre como escritores e escritoras dos mais variados lugares têm recriado ou reinventado suas inscrições nacionais e/ou culturais na literatura quando afastados, temporária ou permanentemente, de seus lugares de origem. Se deslocamentos humanos em busca por melhores condições de vida, por liberdade política, entre outros fatores históricos envolvidos no impulsionar sujeitos para o movimento migratório, sempre ocorreram, parece ser ponto pacífico que esses nunca foram tão numerosos como nesse início de século, por vezes nos fazendo crer que ninguém mais está completamente em “seu lugar”, contido pelas antigas fronteiras geográficas, políticas, lingüísticas e culturais que aparentemente garantiam a estabilidade e o sentimento de localização e pertencimento das mais diversas comunidades populacionais. A literatura produzida nos principais locais-alvo de tais movimentações populacionais, entre os quais enfocaremos o contexto de língua inglesa, tem exercido papel fundamental – representando um tipo de resistência, uma maneira de evitar a invisibilidade cultural ou de sobreviver criativamente no novo território.

Se nenhuma reterritorialização pode ocorrer antes que uma desterritorialização tome lugar (Cf. HAESBAERT, 1996, p.127), nos parece claro que esses processos estão inevitavelmente atrelados, ou seja, os sujeitos em deslocamento tanto perdem aquilo que acreditavam possuir quanto ganham algo novo, inesperado e imprevisível, uma nova posição onde se reconstroem de acordo com revisões de suas histórias, buscando desvendar as relações de poder implicadas na manutenção das hegemonias e das definições excessivamente fixas de identidade individual e grupal. Se antes era inquestionável que [minha] pátria seria [minha] língua, em tempos atuais tanto essa noção de pertencimento nacional, de identificação lingüístico-patriótica vai sendo volatilizada entre as várias línguas, culturas e símbolos que dialogam ou se chocam nas experiências permeadas por trocas que ocorrem em

tempo real por todo globo. Assim, a língua, entendida em larga escala como o repertório que faço das estruturas lingüísticas que constroem significado, tenderá a apresentar-se ainda mais mesclada, com empréstimos, adaptações lingüístico-simbólicas bastante acentuadas (e muito provavelmente inconscientes) ao longo das experiências vivenciadas por sujeitos contemporâneos na diáspora, refletindo a pátria fragmentada, que se constrói e se desconstrói infinitamente no recriar de um cotidiano transplantado.

Identidade individual versus grupal – como se (des)organiza essa equação

Parece-nos fundamental discutir de que forma são literariamente construídos os processos de identificação subjetiva produzidos por autores que se encontram com os pés em pelo menos dois mundos – o que foi escolhido como opção para mudanças e o de origem, de pertencimento absolutamente involuntário. Para tanto, discutiremos inicialmente como conceitos relativos à identificação individual e grupal interagem e quais os papéis que as esferas pessoais e comunitárias assumem na construção subjetiva desses sujeitos contemporâneos.

Na verdade, essa tensão entre identidades individuais e grupais interessa profundamente não apenas o sujeito em deslocamento, imerso em experiências transculturais, mas todo ser cuja “humanidade” não é percebida de forma automática pelo olhar dominante; ou seja, enquanto qualquer sujeito hegemônico é reconhecido como ser humano, com direito à particularidade, o sujeito identificado como subalterno, não-hegemônico, de minoria, marcado pelas hegemonias como “outro”, é sempre visto como grupo, como se sua diferença o marcasse coletivamente, inserindo-o naquela massa de “outros” discriminados que obrigatoriamente devem se identificar com as diferenças coladas as suas identidades. Por essa ótica, fica dificultada a percepção de suas particularidades, de sua individualidade, de sua subjetividade. Nesse sentido, nossa proposta é verificar como a noção de cultura afeta esses

dois pólos – o individual e o grupal, e como os mesmos estão representados nas literaturas contemporâneas de língua inglesa produzidas na diáspora.

Discussões sobre identidade individual e de grupo necessariamente dialogam com concepções sobre igualdade e diferença, que são do interesse e marcam os discursos promovidos por sujeitos percebidos como não-hegemônicos, entre os quais citamos os grupos de mulheres, de homossexuais, aqueles etnicamente diferentes da norma de subjetividade branca e masculina. A importância de se contrapor essas noções e percepções binárias sobre o indivíduo e o grupo, problematizando as relações entre esses dois pólos, está atrelada ao fato de não haver solução possível para o impasse que se cria em termos de identificação. Edgar e Sedgwick em *Teoria cultural de A a Z* (2003, p.169) apontam, no verbete ‘identidade’, razões pelas quais “a questão da identidade individual é central nos estudos culturais”, já que esses “examinam os contextos dentro dos quais e por meio dos quais tanto os indivíduos quanto os grupos constroem, negociam e defendem sua identidade ou autocompreensão”. Por outro lado, Joan Scott (2005, p.12), ao se referir às relações estabelecidas entre indivíduos e grupos, destaca a importância de se “reconhecer e manter uma tensão necessária entre direitos individuais e identidades grupais”, já que “é o que possibilita encontrarmos resultados melhores e mais democráticos” para tais debates. Na verdade, o sujeito está constantemente sendo duplamente interpelado, chamado a assumir sua posição como indivíduo e como membro de um grupo específico. Se seu lugar social estiver distante das hegemonias, a tendência de que ele venha a assumir uma identidade grupal é maior, pois assim terá maiores possibilidades de garantir direitos conquistados pelo grupo em que se insere, buscando equilibrar as relações de poder que não o favorecem dentro da sociedade mais ampla. Além disso, o sujeito hegemônico só conseguirá percebê-lo como grupo – grupo que trabalha, que reivindica, que, por oposição, dá destaque à sua própria particularidade subjetiva, estando atrelado a tudo que ele/ela não é.

Citando um exemplo, as ações afirmativas buscam, através da defesa de grupos desprivilegiados, defender a inclusão desses de forma a modificar o efeito das discriminações históricas sofridas e mantidas por leituras parciais e hierarquizadas das diferenças. Uma das formas de crítica a tais ações reparadoras tem sido expressa através do argumento de que atitudes diferenciadas em relação a um grupo acabam prejudicando algum indivíduo em potencial, não reconhecendo seu mérito pessoal. Leia-se: se algum indivíduo pertencente aos grupos hegemônicos tiver oportunidades negadas, seu mérito pessoal não reconhecido, esse apresentará crítica a qualquer espécie de compensação grupal, como, por exemplo, as que estão sendo oferecidos a grupos étnico-raciais historicamente discriminados e explorados, que apenas na contemporaneidade recebem algum tipo de 'reparação'. Portanto, aqui a relação 'grupo' versus 'indivíduo' assume um tom tenso, de pólos opostos, como se o grupo discriminado também não fosse composto por indivíduos, que em suas vidas privadas vivenciaram e vivenciam o peso da discriminação, podendo ter vários de seus méritos pessoais não reconhecidos ao longo de suas vidas. No que se refere à inevitável relação de forças entre esses segmentos, Scott ainda aponta que

(...) indivíduos e grupos, que igualdade e diferença não são opostos, mas conceitos interdependentes que estão necessariamente em tensão. As tensões se resolvem de formas historicamente específicas e necessitam ser analisadas nas suas incorporações políticas particulares e não como escolhas morais e éticas intemporais. (Scott, 2005, p. 14)

Conforme também destaca Kathryn Woodward (2006, p.14), a identidade é, de fato, "sempre relacional e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica*, relativamente a outras identidades" (grifo da autora). Em relação à identidade grupal, o importante seria evitar os essencialismos que dão uma falsa ilusão de estabilidade, de pertencimento "natural".

Em direção semelhante, Joan Scott organiza os paradoxos que passa a examinar ao longo de seu texto. Scott (2005) defende que a igualdade não seria a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento dessa, atrelada à decisão de ignorá-la ou levá-la em consideração. Portanto, esse processo envolve escolhas quanto à qual marca da diferença será ignorada e qual será maximizada, o que acaba determinando a inserção de qualquer sujeito nesse ou naquele grupo. Após essa inserção, o sujeito ainda terá de lutar tanto pelos direitos do grupo em que se insere (mulheres, negros, gays, brasileiros, entre outros) como pelo direito a sua própria individualidade, direito à diferença em relação aos que pertencem a esses grupos aparentemente homogêneos. Esse sujeito pode perceber o grupo como confirmador de estereótipos (o que seria um aspecto provavelmente negativo), ou como fonte de apoio e solidariedade. O grupo poderá, assim, tanto libertá-lo quanto oprimi-lo. Há, dessa forma, paradoxos insolúveis envolvidos na questão. Nesse sentido, é muito apropriada a percepção de Scott no que se refere às identidades coletivas como “formas inescapáveis de organização social”, percebendo, porém que “os termos do protesto contra a discriminação tanto recusam quanto aceitam as identidades de grupo sobre as quais a discriminação está baseada”; ou seja, “as demandas pela igualdade necessariamente evocam e repudiam as diferenças que num primeiro momento não permitiram a igualdade” (Scott, 2005, p.19). Portanto, a tensão entre identidade de grupo e identidade individual não pode ser resolvida, sendo essa “uma consequência das formas pelas quais a diferença é utilizada para organizar a vida social” (Scott, 2005, p.22).

Restam alguns questionamentos – uma vez identificado como pertencente a um grupo, poderá o indivíduo ser visto fora dele? Provavelmente essas identificações estão, de fato, arraigadas em um território onde a negociação entre posições diversas será a norma, já que a própria relação entre grupos e indivíduos é marcada por constantes negociações. Como defende Scott,

Se identidades de grupo são um fato da existência social e se as possibilidades de identidades individuais repousam sobre elas tanto em sentido positivo quanto negativo, então, não faz sentido tentar acabar com os grupos ou propositadamente ignorar sua existência em nome dos direitos dos indivíduos. Faz mais sentido perguntar como os processos de diferenciação social operam e desenvolver análises de igualdade e discriminação que tratem as identidades não como entidades eternas, mas como efeitos de processos políticos e sociais. (Scott, 2005, p. 29)

Sem dúvida, a zona de contato entre preocupações e agendas de cunho individual e grupal pode ser trabalhada com maior propriedade se nos aproximarmos de manifestações culturais promovidas por 'indivíduos' vistos como membros de 'grupos'. Bhatia e Stam, dois estudiosos da área da Psicologia discutem a dificuldade de se lidar com duas noções concomitantemente – a noção de *self* (indivíduo, pessoa) e a forma como esse *self* se manifesta na cultura. Segundo os autores, se anteriormente tais estudos tendiam a perceber o *self* como autônomo e individualizado, totalmente independente de uma "cultura" que estaria "lá fora", afastada dos processos "reais" do mundo cultural "objetivo", passou-se mais recentemente a considerar fundamentais as relações entre a formação do *self* e a própria cultura. De acordo com Bhatia e Stam¹,

A cultura não é uma característica do mundo oposta a características do indivíduo (*self*), mas é construída a partir de práticas contínuas que, por vezes são percebidas como 'cultura', por vezes como '*self*', com importantes qualificações e considerações atreladas a cada uma delas. (Bhatia e Stam, 2006m p. 428)

Portanto, os indivíduos são não apenas construídos pelas interpelações culturais e pelas representações que as culturas fazem

dos mesmos, mas esses, principalmente aqueles marginalizados e oprimidos ao longo da história, podem e devem contestar e renegociar as identidades que lhes foram impostas no processo de dominação que se consolidou. (Cf. Edgar e Sedgwick, p.172). Pensando no contexto das relações sociais contemporâneas, onde diversos grupos têm mantido contatos muito mais freqüentes e profundos graças, em grande parte, à convivência efetiva estimulada pelas relações sociais estabelecidas no território transcultural, marcas essas da fase mais acentuadamente globalizada e instantânea do capitalismo nesse início de século, podemos pensar a relação entre 'cultura' e 'indivíduo' a partir de novas perspectivas. Patrick Macklem, em artigo sobre a relação cultura/ indivíduo, defende que,

(...) os indivíduos não são obrigados a pertencer a culturas particulares, mas, ao invés disso, podem e, de fato, assimilam, quebrando elos, modificando alianças culturais ao longo do tempo. Isto não quer dizer que essa mudança seja fácil ou freqüente, mas o pertencimento de um membro a um grupo cultural não impede que alguma escolha ocorra. (Macklem, 2001, p. 53)

O que se percebe aqui é que Macklem direciona a discussão para as trocas culturais, que o interessam por mostrarem-se como reais possibilidades de liberação e superação, tanto para indivíduos quanto para os grupos aos quais esses pertencem. Contudo, como medir essas trocas? Como avaliar o que foi herdado de onde e de quem? Ou melhor, será que a identificação da origem da herança cultural ainda seria ponto fundamental no momento contemporâneo? Parece-nos que essas questões de cunho filosófico que envolvem as escolhas dos indivíduos no que diz respeito às culturas e/ou resíduos culturais que os marcam, prometem resultados positivos quando discutidas à luz das representações forjadas no campo literário. A literatura acaba sendo o espaço criativo onde os laços e as tensões entre diferentes grupos e

indivíduos podem ser discutidos e analisados a partir das representações que aí emergem. Tomemos, pois, a produção literária produzida no contexto transcultural canadense a fim de verificar como se dá esse debate sobre pertencimento cultural e identidade subjetiva.

Mayr e Goto: a representação de algo incômodo nas letras canadenses

O Canadá tem sido frequentemente percebido como uma das nações contemporâneas mais intensamente marcadas pelos encontros entre diferentes povos e culturas. A partir dos anos setenta, com os impulsos governamentais que favoreceram a política do multiculturalismo, outras nações passaram a perceber o Canadá como um país aberto e interessado nos processos de imigração. Na verdade, basta que se revise a história cultural daquele país desde os tempos coloniais até o presente para se perceber que tal marca de diversidade cultural não é recente e nem resulta exclusivamente de processos globalizados de deslocamento tão típicos da contemporaneidade. Na literatura produzida no país e, principalmente, em textos mais recentes, se percebe a tendência de demonstrar uma clara consciência em relação a essa polifonia (ou dissonância) cultural. Tomaremos para nosso foco de discussão vozes que marcam a literatura contemporânea produzida por sujeitos que ainda ressaltam que vieram de “outro lugar”, com marcas simbólicas da diferença, bem como a forma através da qual tais autoras representam seu pertencimento/deslocamento dentro da nova realidade.

Ao longo do século XX, após as várias trocas econômicas, educacionais e culturais estabelecidas principalmente ao longo das primeiras décadas de implementação da política canadense do multiculturalismo, tornou-se óbvio que o que ocorria ali não era uma experiência apenas *multi*, mas *transcultural*. O quadro sócio-cultural que derivava da abertura parcial das fronteiras, não só no Canadá, mas em grande parte do mundo globalizado, não era um mosaico estático,

onde se teria diferentes imagens e tonalidades formando um quadro completo e definido dos encontros na diversidade. Ao contrário, diferentes partículas de culturas, experiências e povos passaram a estar em constante movimento, se influenciando mutuamente, de tal forma que essas experiências tornaram-se não apenas plurais, mas de tal forma interconectadas que seria difícil identificar origens e pertencimentos isolados. Coadunamo-nos, nesse sentido, com Roland Walter, quando o autor coloca que seu enfoque central no texto literário em seu livro *Narrative identities* (2003) está embasado na sua percepção de que “as refrações literárias da realidade fornecem um contraponto subjetivo valioso para as configurações culturais empíricas estudadas pelos cientistas sociais” (Walter, 2003, p.15). Adotamos também essa perspectiva, percebendo o texto literário não apenas como instrumento de expressão e análise estética, mas como território para releituras de encontros culturais diversos, que permeiam, mas não se limitam a considerações sobre estruturas textuais.

Ao nos aproximarmos de textos produzidos a partir de perspectivas diferenciadas no que se refere à percepção do que seria ‘margem’, ‘centro’, ‘lar’, ‘diáspora’, podemos visualizar mais apropriadamente mudanças em outras esferas da vida social resultantes de deslocamentos geográficos e culturais que questionam lugares e posições frequentemente percebidas como fixas antes que várias fronteiras fossem ultrapassadas. Se começarmos a observar as mudanças que ocorrem pós-migração, na diáspora, no exílio, verificando como essas surgem e compõem o tecido dos textos literários que são produzidos naqueles contextos, poderemos nos surpreender com a natureza inquestionavelmente heterogênea e perturbadora dessas vozes. O sujeito em deslocamento não apenas sente saudades de casa, mas sabe que a casa, o lar nunca mais será o mesmo. Como sujeitos que ingressaram recentemente (ou nem tão recentemente) em uma nova sociedade, esses tiveram de adaptar-se como forma de sobrevivência cultural, econômica e psicológica. A literatura tem se mostrado como um dos canais mais profícuos para a elaboração dos novos arranjos

culturais, podendo inclusive trazer para a visibilidade o que antes seria inadequado, inapropriado, ou seja, o desconforto inevitável que faz parte de se ter consciência sobre se ser o “outro” dentro de um sistema social de relações.

Centraremos, a partir de agora, nosso enfoque em dois contos – um de Suzette Mayr e outro de Hiromi Goto, duas jovens escritoras canadenses, nascidas na década de sessenta; a primeira com fortes marcas culturais latinas e germânicas, e a segunda, japonesas. Nossa intenção não será fazer uma análise detalhada dos textos no que se refere a seus elementos estruturais, mas sim, verificar como a questão grupo/indivíduo e a inserção ou exclusão cultural são aí construídas. Tomamos aqui o Canadá como nosso território de análise, conscientes de que poderíamos encontrar vozes que se expressam em língua inglesa a partir de posições semelhantes em qualquer metrópole do mundo contemporâneo, tais como Londres, Nova Iorque, Sydney, e tantas outras.

De Hiromi Goto selecionamos o conto “Stinky girl”, cuja estória nos é apresentada a partir do ponto de vista da jovem protagonista – uma moça já nem tão jovem, com trinta e três anos de idade, que, ao longo de seu diário, tenta entender as razões para a estranheza que circunda sua vida, isolando-a e fazendo-a viver em permanente desconforto. Essa protagonista sem nome, apenas com um codinome bastante negativo, “Mall Rat” (rato de shopping), apelido dado pela mãe já que nasceu, de fato, no ano do Rato conforme o calendário oriental, e é freqüentadora assídua de shoppings, tem consciência de que é obesa e mal-cheirosa, apesar das porções aparentemente razoáveis de comida que ingere e de seus dois banhos diários. Na condição de leitores, não somos, em nenhum momento, estimulados a simpatizar ou nos solidarizar com essa protagonista, que jamais passa sem ser percebida, quer pelos olhos que lêem sua estória, quer pelos personagens coadjuvantes nesse enredo.

Há vários elementos no conto que indicam o ultrapassar dos limites da verossimilhança, entre esses aqueles em que fica clara a percepção que essa jovem tem de que seu falecido pai se manifestaria através de

cabeças de couve esquecidas na geladeira, ou ainda em um momento mágico e bastante positivo que a protagonista vivencia dentro do recém inaugurado playground do *Shopping Center*, já ao final do texto. Nossa protagonista enfrentou certa dificuldade para entrar naquela área de lazer infantil, pois nem era criança, nem vinha acompanhada de uma. Quando finalmente permitem sua entrada, já nos primeiros momentos em que se move por entre os brinquedos, considera que “[aquele] playground para crianças é construído a partir de uma cultura decadente. Há plástico suficiente ali para fazer um *Tupperware* onde caberia todo o continente (...)” (p.432). Apesar de tanto material artificial, ela se sente incrivelmente confortável dentro do playground, movendo-se pelo “labirinto de plástico” com prazer, conseguindo inclusive forçar seu corpo obeso para dentro de um dos tubos de plástico, de onde pretendia escorregar até o chão; contudo, devido ao seu tamanho exagerado, fica entalada. A ironia implícita nos monólogos interiores da protagonista nos indica que essa se percebe naquela situação exatamente como um “rato gordo entalado em um cano de esgoto” (p.432).

Além da estranheza da situação, uma mulher obesa entalada dentro de um brinquedo infantil, pode-se comparar o gigantesco esforço que essa faz no sentido de sair do tubo plástico ao esforço de um parto - o ato de dar a luz ou de vir ao mundo, em que alguma dor e sofrimento (mas também alguma libertação) estão envolvidos. A protagonista, de fato, vivencia um renascimento entre todos aqueles objetos plásticos. Principalmente, ela percebe pela primeira vez algo que lhe era desconhecido – seu cheiro peculiar. Assim, ela é capaz de inaugurar uma escuta de seu próprio corpo, já que seu odor peculiar é encoberto pelo cheiro mais absoluto e insistente do plástico. Só então percebe que sua diferença em relação aos que a cercam é mais forte e ampla do que seu odor e seu tamanho. A jovem conclui o seguinte: “meu odor não é cheiro, e sim, é som (...). Os sons que emanam de minha pele são tão intensos que a consciência da morte retrocede, desdobrando beleza em feiúra como uma forma de cópia” (p.433). A personagem percebe que não é apenas seu odor que perturba, mas sim sua excessiva diferença,

suas infinitas marcas como sujeito “fora do lugar” – além de cheirar mal, ela é imensa e age como menina, apesar de ser mulher formada.

Ao final do conto, nossa “stinky girl” ameaça reconstruir sua vida a partir da experiência transcendental que divide com as crianças que brincavam no playground. Ela só consegue festejar seu próprio corpo, sua diferença, no momento em que paira no ar, provável conseqüência do efeito explosivo da fricção de seu corpo contra o tubo de plástico do playground. Após o estilhaçar do brinquedo, que se manifesta como uma explosão, as crianças a acompanham num flutuar sem rumo, pairando sobre o labirinto de plástico por alguns segundos. Nesse momento nossa “girl” considera não saber o que acontecerá no dia seguinte ou noutro dia qualquer, mas conclui que “as possibilidades são imensas”. Nas últimas linhas do conto de Goto, todo o plástico, após a explosão do brinquedo, se transforma em minúsculos confetes, que são lançados sobre a jovem e as crianças, sugerindo que ainda há algo a ser celebrado. O mau cheiro é substituído por um potente e explosivo som, anunciando uma libertação através de processos de transformação que garantem a sobrevivência da jovem protagonista e, quem sabe até, que indicam alguma possibilidade de conforto e satisfação por parte dessa.

Suzette Mayr, nosso segundo foco de análise, o conto “The education of Carmen”, utiliza como epígrafe a seguinte passagem da *Metamorfose*, de Ovídio: “minha proposta é contar sobre corpos que foram transformados em formas de outra espécie”. De fato, o texto, inspirado em Ovídio e em seus escritos sobre processos de metamorfose, lida com questões que envolvem experiência, mudança, poder e a inegável tensão estabelecida entre esses conceitos.

Carmen é uma adolescente se transformando em mulher adulta. Namora Griffin desde seus 18 anos, sendo o rapaz de origem social superior à dela. Uma das maiores preocupações dos dois jovens é encontrar lugar para fazer sexo, já que moram com os pais. A melhor opção é a casa de Griffin, por ser maior e, portanto, oferecer melhores esconderijos. Um desses locais fica sob a mesa de jogos, de onde conseguem, quando descansam após o sexo, ver um quadro onde

aparecem homens negros. Carmen, quando olha para o quadro, sempre pensa: “devem ser africanos”. Griffin diz que aquele foi um souvenir que sua mãe trouxe “de algum lugar onde os negros vivem” (p.454). O casal parece não conhecer nenhuma pessoa negra, vendo aquelas representações no quadro como algo muito exótico, que pertence a outro lugar, não ao Canadá que eles conhecem.

Carmen trabalha de garçonne. A gerente em seu local de trabalho é Rama, uma mulher de origem indiana. Certo dia Rama demite um funcionário devido a um comentário racista que esse deixou escapar. Após o fato, Carmen questiona Rama sobre sua decisão, passando a tentar investigar a origem da gerente. Quando essa não compreende, respondendo “– Sou de Winnipeg”, Carmen esclarece, “não, você não entende, de onde vem sua família?” (p. 459). Ao longo de tais conversações entre as duas mulheres, a autora consegue construir tal tensão que qualquer leitor/leitora percebe fronteiras sendo definitivamente ultrapassadas, indicando que algo radical e talvez violento irá resultar das oposições claramente apresentadas. Carmen ganha velocidade em sua fala, projetando preconceitos sobre Rama. Aparentemente apenas está tentando entender qual seria a diferença entre elas e, nesse sentido, implora à Rama: “Me eduque. (...) Me mostre, por favor. Se eu corto você, você sangra; se você me corta, eu sangro também. Somos iguais abaixo da pele. Mostre a diferença; por favor, mostre onde está a diferença!” (p.459). Após essa fala, a voz narrativa indica a ira visivelmente crescendo no rosto da gerente.

Três veias saltam na testa de Rama em forma de um tridente. Ela deposita apenas um olhar sobre Carmen, mas dessa vez o olhar rasga seu rosto, descamando sua pele. *‘Eu te corto, você sangra; eu me corto e sangro’*, escavando as camadas subcutâneas de gordura, arrebatando veias e nervos, fios elétricos desencapados, abrindo os músculos de Carmen, descamando seus ossos, cavando e roubando sua vida. (p. 460)

O desprezo e o desejo de vingança implícitos no olhar de Rama são tão potentes que determinam que uma transformação ocorra no corpo da outra mulher. A jovem será educada através de mudanças físicas visíveis – assumindo a posição daqueles que ela vê como diferentes, que despreza ou nem percebe como sujeitos. Carmen se transforma numa mulher negra ou, pelo menos, em alguém, a partir desse momento, consciente de que é negro. Seu corpo escurece, “seu cabelo se enrola e encrespa (...). Sua estória toda surge em negativo” (p.460). No momento em que acontece sua metamorfose, “a laje de granito quente que era a face de Rama se dissolve (...) e, de repente, essa sorri, dizendo: “sim, alguns de meus melhores amigos também são pessoas de cor” (p. 460). Rama educa Carmen, mostrando-lhe que há semelhanças inimagináveis entre as duas, principalmente no que se refere a diferença delas em relação à norma branca. Se as duas se aproximam ao discutir suas diferenças, o que se percebe após a transformação concretizada é que sempre houve mais proximidades do que distanciamento entre essas jovens mulheres.

Nada é racionalizado a respeito dessa súbita mudança física pela voz narrativa, essa imagem permanecendo como um elemento mágico do texto. A partir da transformação ou metamorfose, Carmen passa a ser chamada de “*brown girl*” (jovem morena). A partir de então, quando a jovem garçonete serve os clientes no restaurante, esse lhe perguntam: “de onde você vem? Há quanto tempo você vive no Canadá? Esses frutos do mar são frescos?”, frases que se tornam comuns para aqueles, como a “nova Carmen”, forçados a se habituarem ao lugar reservado aos “diferentes”, vindos de outro lugar. A garçonete tenta perceber esses comentários e situações como parte do seu ofício, já que o cliente sempre tem razão, mas não consegue evitar considerar que “um dia desses vai dar uma lição a esses branquelos” (p. 460). Portanto, aqui fica claramente sugerido por Mayr que Carmen não apenas aprendeu o que significa ter um corpo negro dentro de uma sociedade racista, mas também que certo desejo de reação é, por vezes, inevitável e compreensível.

Após isso, a voz narrativa apresenta diversas observações sobre processos de metamorfose, destacando que eles ocorrem a toda hora.

Mulheres se transformam em árvores, pássaros, flores, em vozes desencarnadas em momentos de crise, exatamente antes da raiva, antes da dor (...). Nos momentos mais terríveis, corpos se transformam em ursos, rouxinóis, morcegos. Mas quais corpos? Quem teria tamanha sorte? (p.460-461)

Suzette Mayr nos apresenta, portanto, a metamorfose da protagonista como uma oportunidade de amadurecimento, de experimentação. Obviamente o processo também implica o abandono de posições anteriormente confortáveis, sendo essa uma transformação sem fronteiras, sem planos definitivos e sem qualquer garantia. Como mulher negra, Carmem escuta comentários do namorado sobre seu novo “pelego”, palavra que esse passa a utilizar ao referir-se a sua pele, indicando uma percepção animalizada da jovem após o processo de transformação. Ele confessa ter sempre sonhado fazer sexo com uma negra, e fica maravilhado com a experiência. Ao final do conto, enquanto caminham de mãos dadas pelo parque e, percebendo como todos os observam atentamente, Griffin comenta: “é porque agora somos um casal inter-racial. Como John Lennon e Yoko Ono” (p.462), prometendo à Carmen que terão muitos bebês cor de chocolate após a viagem que esse fará à Europa. Carmen não parece ter certeza sobre seu futuro e talvez viver sem qualquer garantia e com muitas dúvidas seja seu maior aprendizado e seu legado pós-transformação.

A metamorfose aparece no texto de Mayr não apenas como uma estratégia de salvação ou redenção, mas como um doloroso método de aprendizagem – Carmen apenas entende o real significado das palavras ‘diferença’ e ‘preconceito’ após vivenciá-las na própria pele, através das mudanças que seu corpo sofre. Aliás, é interessante observar que a própria autora, ao utilizar a palavra ‘metamorfose’ em sua epígrafe, indica a dimensão do que seria modificado. Basta

considerarmos que ‘metamorfose’, segundo o dicionário *Larousse Cultural*, implica *profunda mudança de forma e aparência que ocorre em um animal de um estágio de desenvolvimento para outro, como o da larva para o adulto; ou ainda, mudança completa no estado ou no caráter de uma pessoa*. A educação de Carmen envolve, de fato, mudanças radicais no que se refere a sua identidade, sendo que esse processo só pode ocorrer na prática, através do corpo e dos sinais mais óbvios que esse dá de que algo mudou definitivamente.

Se concordarmos que “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (Woodward, 2006, p.15), o que se percebe ao longo dos textos de Mayr e Goto é uma dissolução da ilusão de identidade estável, indicando que o corpo em transformação (Mayr) ou vinculado ao abjeto² (Goto) não se apoiará quer na identidade de grupo, quer na noção de identidade individual. Aspectos sensoriais, principalmente aqueles conectados a odor, tato e visão são usados por essas escritoras canadenses como metáforas do deslocamento e/ou reinscrição que as protagonistas enfrentam nas sociedades contemporâneas. O momento de mudança ou de transformação representa possibilidades que são aqui relidas como expressões físicas de profundos *insights* no que diz respeito à diferença. As duas protagonistas dos contos em questão, dessa forma, trazem à luz tópicos atrelados à releitura do que a vida no Canadá contemporâneo (bem como em quaisquer metrópoles do mundo globalizado) poderá significar pela perspectiva de sujeitos identificados com grupos não-hegemônicos e, obviamente, a literatura é um dos principais terrenos onde tais significados são construídos e/ou questionados. O corpo abjeto ou metamorfoseado seria um caminho para uma individualidade não engolida pelos estereótipos do grupo impostos pela perspectiva das hegemonias. Apesar de as autoras serem identificadas (em antologias, nos prefácios de seus próprios livros) como sujeitos hifenizados no que diz respeito a origens, essas não se acomodam dentro dessas diferenças pré-determinadas. Através das personagens e das metáforas que criam,

provocam discussões sobre classificações, abalando estruturas de nomeação e de crítica e representando a fluidez das identidades construídas no entre-lugar, em trânsito, ao longo de processos inacabados.

A literatura no território transcultural/transnacional: considerações finais

Se nos voltarmos para discussões recentemente desenvolvidas em áreas tais como a Economia, as Ciências Políticas, parece-nos inevitável considerar que as noções sobre a globalização e os encontros estabelecidos entre diferentes povos no mundo contemporâneo têm assumido papel decisivo na análise da organização social mundial. Contudo, também nos parece fundamental, concordando com o que defende Ali Behdad em seu artigo "On globalization, again", ter em mente que processos que justapõem povos, culturas, mercados diversos não são exclusivos dos tempos modernos. Behdad (2006, p.65) destaca que os circuitos de troca se tornaram recentemente mais complexos graças ao óbvio e massivo cruzar de fronteiras efetivado tanto pelo capital, como por pessoas, produtos e identidades, defendendo, porém, que nada disso caracterizaria processos totalmente novos se levarmos em conta a história dos povos. Segundo Behdad, que até certo ponto ridiculariza alguns conceitos desenvolvidos por autores como Arjun Appadurai e Roger Rouse por suas referências às novas ordens sociais marcadas por identidades diaspóricas e comunidades fluidas, não haveria necessidade de nenhuma "nova cartografia" (Appadurai) para se lidar com fenômenos tão antigos quanto trocas (econômicas, culturais) entre povos, que apenas soariam como novidade se fosse desconsiderada a história mundial mais ampla, que excede e extrapola o mundo ocidental e suas interpretações. Citando estudo desenvolvido por Janet Abu-Lughod, Behdad defende que já no século XIII o mundo estaria interconectado por redes de produção e

trocas comerciais que, dentro das devidas proporções, em muito se assemelhariam às atuais. Segundo tais desdobramentos teóricos, a grande diferença dos fenômenos contemporâneos estaria vinculada ao desenvolvimento tecnológico, que permitiu tanto que os movimentos populacionais se tornassem mais rápidos (através do uso de aviões, por exemplo), bem como que os produtos (industriais, culturais) fossem mais rapidamente divulgados, tornando-se mais amplamente conhecidos.

Independentemente do fato de concordarmos ou não que o mundo esteja enfrentando uma (nova) onda globalizada no que se refere a leituras do quadro econômico e político a nível mundial, acreditamos que no campo literário houve, sem dúvida, uma maior circulação de produções, pelo menos desde o último século, que passaram a se debruçar sobre o lugar incomodo e deslocado ocupado pelo sujeito na contemporaneidade.

Caso Behdad tenha, de fato, razão ao defender que povos sempre se movimentaram mundo a fora, que relações comerciais e trocas culturais com diferentes sociedades sempre foram estabelecidas, vale destacar que certamente nunca a literatura tratou tão freqüentemente de tal temática, fenômeno que pode ter sido estimulado também por avanços tecnológicos na área de impressão e circulação de livros, inclusive com produções eletrônicas que podem ser mais democraticamente acessadas por indivíduos de todo o mundo, quanto por uma necessidade típica da contemporaneidade de discutir o eixo igualdade/diferença. Nesse sentido, acreditamos que autores e autoras da atualidade têm demonstrado interesse em falar a partir desse lugar, que possivelmente não seja tão “novo” ou “singular” na história mundial, um lugar vinculado ao deslocamento, à desterritorialização e a reterritorialização. Contudo, como essa temática nunca antes foi tão intensamente trabalhada na história das culturas, pode-se, sim, afirmar que, no terreno literário, há inegavelmente uma onda de novas produções que estão vinculadas a processos atrelados ao que hoje se entende por *globalização*. As duas autoras cujos textos discutimos

anteriormente ilustram essa necessidade de discutir o não-lugar atrelado ao sujeito diaspórico, que estimula a busca por lugares e posições por vezes ainda indisponíveis, mas já imagináveis.

No caso dos contos em questão, se levamos em conta nosso debate inicial sobre as *tensões* entre as identificações e identidades ligadas ao indivíduo e ao grupo, Mayr e Goto tendem a representar o indivíduo (e principalmente seu corpo) como foco de aprendizagem, sendo que qualquer possível libertação dos estereótipos grupais só ocorrerá através das experiências vivenciadas pelo corpo. Se o sujeito se constrói por práticas que, por vezes, são percebidas como 'cultura', por vezes como 'self' (Cf. Bhatia e Stam, 2005), no caso dos contos analisados a noção de grupo unificado e marcado homogeneamente como "diferente", que poderia agir e marcar sua presença e sua ação de forma mais coletiva, se esfacelou. As duas protagonistas são interpeladas por várias culturas, sendo alternadamente aceitas e rejeitadas, se construindo e se desconstruindo nesses jogos de relações interpessoais. As respectivas famílias, bem como todas as outras instituições tradicionais, aparecem esvaziadas, não havendo quem reforce qualquer idéia de tradição ou origem. Apenas os corpos que protagonizam as duas histórias, um através de seu cheiro e tamanho peculiares, o outro através da transformação que sofre no que se refere a características étnico-raciais, é que poderão servir como demarcação de território para essas jovens (e essas autoras) que vivem na entre-cultura, que desejam falar do lugar incômodo, do eu diferenciado não apenas no que se refere ao hegemônico mas também ao seu grupo específico. Temos a representação aqui de novas identidades, que não são determinadas por pertencimentos nacionais ou por qualquer outra forma essencialista de se entender inserção e inscrição do sujeito. O paradoxo no que se refere às identidades literariamente construídas estaria, assim, vinculado ao fato de estarmos escutando vozes que não estão atreladas a **uma** pátria, a **uma** origem, mas que, com base nos direitos à igualdade e à diferença, estabelecem laços temporários, tênues e não-fixos com as várias identidades que se tornam, pelo menos ficcionalmente, possíveis.

Notas

1. Todas as traduções do inglês são de responsabilidade da autora do artigo.
2. Para uma discussão sobre o abjeto presente em outros textos de Hiromi Goto, principalmente em seu romance *Kappa Child*, a partir de perspectivas desenvolvidas por Rey Chow e Julia Kristeva, ver “Alteridades diaspóricas, corpos abjetos em *Kappa Child*, de Hiromi Goto”, ensaio de Sandra Regina Goulart Almeida, publicado no livro organizado por Eurídice Figueiredo e Maria Bernadette Velloso Porto (eds.), *Figurações da alteridade*, Niterói, EdUFF/ABECAN, 2007.

Referências

- BEHDAD, Ali. On globalization, again. In: LOOMBA, Ania et al. (eds). *Postcolonial studies and beyond*. Durham and London: Duke UP, 2005. p. 62-79.
- BATHIA, Sunil & Henderikus J. Stam. Critical Engagements with Culture and Self. *Theory & Psychology*. V.15 (4), 2005: p. 419-430.
- EDGAR, Andrew e SEDGWICK, Peter. *Teoria Cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. Trad. Marcelo Rollemberg. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- GOTO, Hiromi. “Stinky girl”. In: KAMBOURELLI, Smaro (ed.). *Making a Difference: Canadian Multicultural Literatures in English*. 2nd. Ed. Don Mills: Oxford UP, 2007. p.422-433.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- KAMBOURELLI, Smaro. *Making a Difference: Canadian Multicultural Literatures in English*. 2nd. Ed. Don Mills: Oxford UP, 2007.
- MACKLEM, Patrick. Culture. In: _____. *Indigenous Difference and the Constitution of Canada*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- MAYR, Suzette. “The Education of Carmen”. In: KAMBOURELLI, Smaro (ed.). *Making a Difference: Canadian Multicultural Literatures in English*. 2nd. Ed. Don Mills: Oxford UP, 2007. p.453-462.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, Vol. 13 N.1/2005, p.11-30.

WALTER, Roland. *Narrative Identities: (inter)cultural in-betweenness in the Americas*. Bern: Peter Lang, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 6. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2006.